

Uma Presidente da República Federativa do Brasil foi destituída por, segundo a acusação, haver cometido crime de responsabilidade, o “móvel do crime” um empréstimo cujo produto foi regularmente aplicado, o valor tomado, pago, nenhum prejuízo. O “móvel do crime” não era móvel, o crime inexistente. Sabemos o que aconteceu então, como sabíamos o que aconteceria depois. Um falatório desenfreado, interminável, chavões, frases feitas, muita promoção, quase acobertamento. Ou acobertamento? E a urgente demolição do país.

Na pré-destituição, discursos, avalanches de insultos, de toda ordem, pessoais, inoportunos, nenhuma prova, nenhuma evidência, a mais tênue, a Presidente limpa, ninguém em qualquer tempo a ela ligado fazendo *cooper* apetrechado com malas de dinheiro por meridionais e noturnos bairros paulistanos, nenhuma ligação com o maior magarefe do planeta, que delatou 20 (vinte) anos programados para tangenciar o meio bilhão de Reais. Da Presidente, abrir portas para o trabalho escravo? Nem pensar!... FUNRURAL? Façam o seguinte: Parcelem, como faz todo mundo, extraiam as guias, preparem o cheque, paguem. Paguem segundo as regras vigentes, caminho para os devedores de impostos e contribuições, com juros, multas e correções monetárias integrais. O taxista faz isso, o médico, o professor, o operário, por que não os barões da terra, dos campos, das lavouras? Reserva do Cobre. Abrir? Não toquem nisso, não é benesse para industriais, mineradores, no fundo, no fundo, é estratégico. Chispem daqui!... Reformas? Do jeito que vocês querem, correndinho, para não dar tempo à população para pensar? Vão se catar! As razões da destituição da Presidente da República Federativa do Brasil precisam ser mais bem explicitadas.

Melhor a cara fechada e intransigente com relação aos interesses do país, dos trabalhadores, das gentes, notadamente humildes, do que o sorriso incerto, fugidio, escancarado aqui e ali, a flagrante expressão de ódio, real, verdadeira, genuína. Não posso? Por que não posso? Os senhores sabem com quem estão falando? Está bem, doutor, está bem! Mas não pode, sabe? Constituição, leis, essas coisas de gente civilizada!... O senhor não se lembra do mote do capitão Nascimento? Fatos são fatos, fatos não se fabricam; às vezes, de tão graves e inelidíveis, um mínimo de bom senso recomenda antecipar-se a eles.

O caminho natural da aristocracia no poder é a oligarquia. Pobre é pobre, elite é elite e oligarca é oligarca, para quem a regra é “nós somos os que dizem o que fazer.” Covardia!

Estamos tão cansados, o Brasil está tão cansado, tão perdido.... Desculpe, doutor, o senhor nos meteu num beco sem saída com tanto dinheiro gasto para seguir onde está, promessas de montanhas de reais para emendas parlamentares, projetos em municípios e Estados, criação de cargos comissionados e atendimento de demandas específicas de bancadas. O conto do sacrifício para os fins do ajuste fiscal revelou-se quando a situação apertou, a máquina federal uma “ferramenta” de uso pessoal, deputados de oposição criticando a distribuição de recursos. Segundo o deputado do PSOL, tantas verbas para emendas “caracterizam evidente compra de votos, com consequências de obstrução à Justiça” — Queira ver o post de 2 (dois) de Agosto de 2017.

A crença de que tudo se resolveria pela política dos esconsos e das intrigas parlamentares revelou-se falsa. Não podia dar certo, só não viu quem não quis. O Brasil, em frangalhos e envergonhado, está fora de controle.

A política de ajuste fiscal, anunciada no início da Administração, foi uma das ilusões criadas por razões que podem ir de causas psiquiátricas, passar por contos oligárquicos e terminar da forma como começou a história que desmontou o Brasil, por todos os modos pelos quais possa o país ser analisado. Por absoluta boa vontade, dir-se-á que um crime de responsabilidade está esboçado; na verdade, seus contornos definitivos estão no confesso de cogitar o maior de todos os absurdos perpetrados de ano e meio a esta parte. Cogita-se eliminar da Constituição da República a mesma regra que, distorcidamente invocada, serviu de base para a destituição da Sra. Presidente eleita em 2014. É mais um truque. Truque após truque, falta-nos conhecer quantos crimes se pretendem riscar do Código Penal devido à incursão de figuras oligárquicas em seus dispositivos.

Conforme BBC/Fantástico de ontem, domingo, 7, todo truque tem prazo de validade, uma figuração bastante oportuna. De repente, o tempo dos truques acabou. E sem truques, o que será dos oligarcas?

